

*Manuela Silva***

A igualdade de género é uma questão fundamental para a realização da Agenda do milénio. ... A igualdade de género não tirará da pobreza apenas as mulheres, mas também as suas crianças, as suas famílias e os seus países.

Relatório da UNICEF sobre
“A situação mundial da infância 2007”

1. Breve apontamento sobre a globalização

A palavra “globalização” entrou na linguagem corrente das cidadãs e dos cidadãos medianamente informados. Contudo, à popularidade do

* Este texto reproduz a conferência que a Professora Manuela Silva proferiu no Colóquio Género, Diversidade e Cidadania, realizado na Universidade de Évora de 1 a 3 de Fevereiro de 2007. A professora Manuela Silva iniciou a sua conferência com as seguintes palavras: “As minhas primeiras palavras dirigem-se à Prof.^a Doutora Maria Fernanda Henriques e seus colaboradores e colaboradoras na organização deste Congresso Internacional. Quero expressar-lhes as minhas felicitações pela sua iniciativa de trazer para a boca de cena do debate académico questões tão pertinentes quanto silenciadas. Refiro-me ao tríónio Género, Identidade e Diversidade. Quero também agradecer-lhes o convite que me fizeram e que me deu a oportunidade de poder participar neste evento com uma conferência que, também ela, procurará cruzar três problemáticas de grande complexidade e actualidade, ainda que, incompreensivelmente, bastante arredadas de muitos ambientes universitários. A Universidade de Évora merece os parabéns por mais esta iniciativa, ousada e inovadora, e formulo votos de que o debate, que aqui vai ocorrer nos próximos dias, rompa as fronteiras dos claustros universitários e encontre o campo aberto da sua melhor divulgação. Tal é um dos papéis, a meu ver irrecusáveis, da Universidade: servir a sociedade, contribuindo para fazer progredir o conhecimento e para o disponibilizar no espaço público.”

** Economista. Professora Catedrática aposentada do Instituto Superior de Economia e Gestão/Universidade Técnica de Lisboa. Membro do Grupo de Peritos do Conselho da Europa sobre a Estratégia de Mainstreaming para a Igualdade de Oportunidades. Actualmente, é Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz.

termo não corresponde idêntico grau de compreensão da realidade de que se trata e, muito menos, uma mesma apreção dos seus aspectos positivos e negativos. Vale, pois, a pena começar por clarificar a linguagem e equacionar o balanço das virtudes e dos males associados ao fenómeno em causa.

Num livrinho de Mário Murteira, que vivamente recomendo a quem se interessa pela questão (*O que é a Globalização?* Ed. Quimera, 2003), o Autor fala de uma “falsa ideia clara”, para pôr em evidência que, se à primeira vista a globalização entrou facilmente no léxico corrente, nem sempre, porém, tal acontece com o alcance que seria devido.

O fenómeno da globalização é – e não é – um fenómeno novo.

Muitos autores demonstram que o processo da globalização vem de longe, pelo menos desde o século XV, quando os navegadores portugueses (e, mais tarde, espanhóis, ingleses, holandeses e outros) abriram as rotas marítimas para o comércio com povos longínquos e iniciaram, então, o rumo da especialização produtiva, que está na origem do capitalismo. Desde então, não parou o movimento de alargamento das fronteiras do comércio mundial e a importância de que se foram revestindo as transacções comerciais internacionais.

Ainda assim, há que reconhecer que esta é apenas uma dimensão do fenómeno da globalização. A partir do último quarto de século e, mais aceleradamente, desde o início da década de 90, a globalização passou por uma “mutação genética” que ainda não terminou.

A globalização, tal como hoje nós a conhecemos, tomou conta do sistema produtivo e da reprodução do capital. Deixaram de existir fronteiras geográficas ou políticas para os negócios e os empreendimentos económicos são concebidos em função de lógicas de maximização dos lucros potenciais, independentemente da sua respectiva localização espacial. Tal opção é cada vez mais viável, graças aos progressos da tecnologia, que permitem a minuciosa divisão de tarefas de um dado processo produtivo e de comercialização, a par de crescentes facilidades de informação, que proporcionam uma gestão transnacional e em rede. É hoje possível e prática comum conceber um negócio repartido por diferentes localizações espaciais e envolvendo recursos humanos, matérias-primas e técnicas, repartidos por vários países e continentes.

A globalização da economia vem adquirindo uma dimensão sistémica e irreversível.

Mas não só.

A globalização não ocorre apenas na mega economia da produção. Está também intrinsecamente associada à crescente financeirização da mesma. No mercado mundial, as transacções sobre mercadorias já não representam senão uma ínfima parte do total dos fluxos transaccionados. Cerca de 5% apenas, sendo os restantes 95 % relativos a movimentos de

fluxos financeiros. Convirá ainda precisar que, entre estes últimos, o investimento directo estrangeiro (IDE) é apenas uma modesta parcela. O fenómeno mais espectacular é, seguramente, o que se refere às transacções de títulos em carteira, operações em divisas e outras de carácter mais ou menos especulativo. Também nestes casos, a tecnologia e os meios de comunicação deram – e estão dando – um forte impulso à globalização.

Para entender a natureza e o alcance da globalização em curso, há, ainda, que recordar o aparecimento das empresas transnacionais e o poder económico de que estas, hoje, dispõem na cena mundial. Basta lembrar que, em alguns casos, o seu volume de negócios ou capitais envolvidos excedem o PIB de alguns países. Não admira, pois, que estas empresas ditem as suas regras no mercado mundial e forcem a sua transposição para as economias nacionais, como presentemente vem sucedendo.

Por último, deverá assinalar-se que a globalização que conhecemos se tem processado no contexto de um mercado global desregulado, sustentado por ideologias sócio-políticas de índole liberal com ressonância na própria cultura e no estilo de vida das populações.

Em síntese, gostaria de deixar claro que a globalização é um processo em marcha com múltiplos contornos e conexões estreitas entre economia, política e cultura. Hoje, não é possível equacionar a nossa vida em sociedade sem ter em conta este fenómeno.

Não queria, porém, deixar pairar a ideia de que possa existir um total determinismo na história. Há, seguramente, margens de liberdade no complexo jogo do aproveitamento das oportunidades criadas e é um facto que esta globalização tem a seu favor alguns aspectos positivos de inegável alcance, designadamente os progressos alcançados em termos de volume de produção de bens materiais e de conhecimento, em aumento espectacular de produtividade e eficiência económica, em redução de penosidade do trabalho humano e qualidade de vida nas suas múltiplas vertentes. Há, seguramente, um lado luminoso da globalização em curso, mas também uma face lunar obscurecida pela grande e crescente desigualdade na repartição dos custos e dos proveitos, pela incidência negativa no equilíbrio ecológico e multiplicação de riscos de rupturas na preservação do meio ambiente, e, de modo particular, na extensão, intensidade e severidade da pobreza para largos estratos de população do Globo.

A globalização é, assim, uma realidade socio-economico-cultural de sentido ambivalente, o que abre caminho a um enorme desafio: o do protagonismo possível em relação à construção do futuro.

GÉNERO, DIVERSIDADE E CIDADANIA / COORD. FERNANDA HENRIQUES

AUTOR(ES): Henriques, Fernanda, 1946-, ed. lit.

EDIÇÃO: [1a ed.]

PUBLICAÇÃO: Lisboa : Colibri, 2007

DESCR. FÍSICA: 168, [3] p. : il. ; 23 cm

COLECÇÃO: Biblioteca estudos & colóquios ; 16

BIBLIOGRAFIA: Bibliografia, p. 166-168

ISBN: 978-972-772-762-9